

Morte, Corpo e Luto. Um *post-it* filosófico...

Há duas palavras em grego para designar “morte”: *nekros* e *thanatos*. Pela primeira, assinala-se a extinção vital de um corpo reduzido em si e para si mesmo ao estado inerte de «cadáver»; pela segunda, indica-se o desenraizamento existencial de um corpo que, por si e de si mesmo, se projecta para os outros como «falecido».

Vida matada e *morte vivida* não são, portanto, equiparáveis, antes constituem duas formas diferenciadas de significar antropologicamente a experiência-limite da finitude. Assim, se do ponto de vista da morte-*nekros*, nada há para dizer acerca de um corpo desvitalizado pelo esgotamento fisiológico das suas funções e faculdades (a não ser, quando muito, para lavrar o registo estatístico de um óbito), já na perspectiva da morte-*thanatos*, tudo há para narrar – ainda que muito fique por dizer – de um corpo exposto como foco e vector de relação e, nesse sentido, aberto à reapropriação biográfica de uma memória individual e colectiva capaz de o decifrar na silenciosa vulnerabilidade das suas rugas, marcas ou cicatrizes. É nesta segunda instância de adensada significação que o luto transfigura a inerte opacidade de um corpo já-não-vivo na provocadora epifania de um corpo *con-vivido* e, por isso mesmo, *sobre-vivido*, ainda que, no limite, não fisicamente presente.

Ao viabilizar a apropriação resolutiva da perda de uma vida, a vivência enlutada dessa perda atesta em carne-viva uma certa **arte de viver a morte**, sem que, no seu inquietante fechamento, a morte-do-outro anule – bem pelo contrário... – a possibilidade de manter em aberto o horizonte dos incessantes recomeços com que se urde e recria o sentido que vamos fazendo uns com os outros e uns para os outros.

Qualquer que seja a amplitude do seu impacto demográfico, social, político, económico, jurídico e, com particular ênfase, religioso, uma coisa é certa: a experiência da morte-do-outro poderá ocorrer sem a imediata presença do corpo morrido, mas afigurar-se-á inevitavelmente paradoxal sem a indeclinável comparência de um *corpo vivido* cuja presença, mesmo que obliquamente evocada pela sua ausência, mais do que colocar questões, nos coloca em questão, oferecendo nessa perplexa lucidez uma fugaz centelha de imortalidade.

António Amaral
Lisboa 18 Abril 2017